

FACULDADES INTEGRADAS DE CATAGUASES – FIC/UNIS

DANIEL PEREIRA MORAES

**BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR ENTRE
GEOGRAFIA E ARTE**

Cataguases MG

2012

DANIEL PEREIRA MORAES

**BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR ENTRE
GEOGRAFIA E ARTE**

Cataguases MG

2012

DANIEL PEREIRA MORAES

**BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR ENTRE
GEOGRAFIA E ARTE**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia e Meio Ambiente Faculdade FIC/UNIS como requisito para a obtenção do título de licenciatura pela Banca Examinadora.

Prof. Orientador Antônio Luquini Neto

DEDICATÓRIA

*“A Deus,
“Porque dEle e por Ele, e para Ele são todas coisas.
À Ele a glória.
Pra sempre.
Amém.”*

AGRADECIMENTOS

À Deus em primeiro lugar. Ao Professor Antônio Luquini Neto pela atenção, esforço e apoio na elaboração deste trabalho. Os trabalhos de produção intelectual, sejam eles acadêmicos ou simples romances, costumam ser apresentados sempre no seu formato final.

Esconde-se assim, a síndrome da folha branca, a falta de inspiração, a preguiça da leitura, e até mesmo os momentos da loucura de produção que se configuram pelo êxtase de um parágrafo considerado maravilhoso, ao desespero de não saber o que fazer, para onde ir e quando terminar. Não foi diferente com esse trabalho, também não será diferente com outros que virão; mas, sem dúvida, esse trabalho marcou a minha vida, não só pelo descrito acima; mas, principalmente, pelos incentivos múltiplos que partiram de todos os lados, principalmente daqueles que não acreditaram que um dia eu conseguiria. Chego até aqui, com o sentimento de dever cumprido, mas não satisfeito. Pois o desejo do conhecimento martela a minha mente. Sendo assim, reservo a mim, o direito de vãos maiores.

Agradeço a minha família, em especial aos meus pais, que não mediram esforços para que eu chegasse até aqui. À minha companheira, Thalita, que nos últimos tempos acompanhou toda a minha ansiedade e angústia. A ela, mais do que nunca, peço desculpas pela ausência.

Aos amigos que me distanciei, não por vontade, mas por necessidade. Aos amigos de graduação. Aos colegas de corredor. Em especial, aos amigos de parceria intelectual: Emmanuel, Lucas e Cláudia.

A todos os professores e mestres que fizeram da minha vida acadêmica uma construção do saber. Em especial, aos professores Dinário Dutra, Antônio Luquini, Rodrigo Porreca e Alen Henriques, meus amigos, professores, mestres, doutores e orientadores, que me guiaram com muita confiança até aqui.

Obrigado a todos.

Até!

EPÍGRAFE

Aquele que aprendeu, é o que aprendeu que não aprendeu nada.

Não existe um bocado de coisas que dizem que existe.

O que existe está aí e nós não vemos.

*Para mim as pessoas mais importantes são as crianças
(porque representam o futuro). Porém se forem mal
orientadas ficarão perdidas, como nós, no meio das
mentiras.*

Tim Maia (1977)

RESUMO

A relação interdisciplinar entre Geografia e Arte torna-se algo tão comum nos dias atuais que, em função dos trabalhos e artigos produzidos no meio acadêmico e aplicados nas instituições de educação, tornam tal afirmativa como algo incontestável. A definição da Geografia diante das mesmas que se remetem à Arte e Cultura via Paisagem Cultural através da ramificação científica denominada como Geografia Cultural é um dos pontos que nos aproxima da possibilidade de trabalhar com determinados temas da Geografia apoiados em recursos advindos da Arte. Neste caso, a Paisagem colocada como expressão da relação entre sociedade e meio e a sociedade entre si, torna-se o principal objeto de estudo e trabalho da ciência geográfica interdisciplinar à Arte, de fato.

Palavras-chave: Geografia – Arte – Geografia Cultural – Paisagem Cultural

ABSTRACT

The interdisciplinary relationship between geography and art becomes something so common these days that, according to the papers and articles produced in the academic and applied in the educational institutions, make such a statement as something indisputable. The definition of geography on the same as those referring to the Art and Culture through the Cultural Landscape by scientific branch known as Cultural Geography is one of the points that approaches the possibility of working with certain themes of geography supported by proceeds from Art. In this case, the landscape is placed as the expression of the relationship between society and the society and each other, becomes the main object of study and interdisciplinary study of geographical science to art, in fact.

Keywords: Geography - Art - Cultural Geography - Cultural Landscape

SUMÁRIO

Introdução.....	2
Objetivos Gerais.....	3
Objetivos Específicos.....	3
Metodologia	4
1. Breve Análise Da Geografia Diante Da Questão Da Paisagem.....	5
2. A Definição De Cultura E Análise Sobre Algumas De Suas Dimensões.....	6
3. Paisagem E Geografia Cultural.....	8
4. Geografia E Arte Aplicadas Na Educação.....	12
Considerações Finais.....	14
Referências.....	15
Anexos	17

INTRODUCAO

“As paisagens trazem a marca das culturas e, ao mesmo tempo, as influenciam.”

Augustin Berque

O presente trabalho é resultado de uma inquietação durante a rotina em sala de aula como Instrutor de Artes e Ofícios, enquanto profissional atuante neste setor em articulação com a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Geografia.

O discurso sobre o processo ensino-aprendizagem entre a Arte e a Geografia que são correntes científicas que podem estar em constante processo de diálogo tanto metodológica quanto pedagogicamente no âmbito educacional é o foco do trabalho em pauta. A fundamentação de tal argumentação está no fato de que este trabalho buscou responder as hipóteses acerca das possibilidades de encontros e articulações didático-pedagógicas entre ambas as ciências através de determinados temas que as colocam em evidência.

Os avanços e as descobertas no setor dos recursos tecnológicos informacionais converteu a comunicação em sinônimo de poder. A capacidade de armazenamento e o volume e troca de informações cresceu muito nos últimos anos. Contudo, essa troca encurtou distâncias, e deu maior proximidade as culturas, a percepção do mundo e as trocas de informações mais intensas não são mais as mesmas, o tempo como uma dimensão dessa apreensão da realidade sobre o espaço. Por isso, Peixoto (1996) coloca que:

“As transformações mais radicais na nossa percepção estão ligadas ao aumento da velocidade da vida contemporânea, ao aceleração dos deslocamentos cotidianos, à rapidez com que o nosso olhar desfila sobre as coisas. Uma dimensão está hoje no centro de todos os debates teóricos, de todas as formas de criação artística: o tempo. O olhar contemporâneo não tem mais tempo”. (PEIXOTO, 1996, p 179)

Mas, para que se tenha um melhor entendimento da relação entre Geografia e Arte é necessário que se esteja atento ao sentido e significado do termo paisagem que antecede os avanços discutidos no parágrafo de Peixoto (1996). Por isso, embora a Geografia tenha conquistado o *status* de ciência no século XIX, a definição de paisagem é anterior ao arranjo da ciência geográfica. Em Portugal, a palavra paisagem surgiu pela primeira vez em 1608, na Itália *paesaggio* surgiu também no século XVII, já na

Espanha *paisajé* é de 1708 e o registro mais antigo das línguas latinas é de 1551, do francês *paysage*, segundo Holzer (1999, In: ROSENDAHL & CORRÊA, 1999, p. 153).

Percebemos então que os termos *paysage*, *paesaggio*, *paisaje* e *paisagem* são contemporâneos ao instante em que a paisagem, como gênero da pintura, começa a ser esmiuçada por artistas, assim, muito mais próximo das Artes do que da própria Geografia. Mas, apesar de tal situação, os geógrafos, contraditoriamente ao que se pode pensar segundo a afirmativa anterior, eram os profissionais incumbidos pelos registros das paisagens em expedições na época das “grandes navegações”, onde faziam o levantamento de dados como: o registro da flora, fauna e afins, sem possuírem câmeras ou qualquer outro recurso semelhante.

Partindo desse pressuposto, falaremos ao longo deste artigo sobre o diálogo que existe entre a paisagem geográfica e a paisagem artística de maneira que simbolicamente poderíamos fundi-las mediante a apreciação e sensibilidade do mesmo, como da forma com que a cultura interfere diretamente em ambas as partes sendo assim o resultado final da expressão humana traduzida em telas ou ao seu redor nas transformações ocorridas no espaço e conseqüentemente na paisagem.

OBJETIVOS GERAIS

- Compreender a possível articulação interdisciplinar entre Geografia e Arte no espaço educacional através de atividades focadas na paisagem geográfica em diálogo com a paisagem artística.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Definir cultura e paisagem cultural.
- Interpretar as dimensões alcançadas pela cultura de acordo com a precisão de seu sentido.
- Analisar a posição da ciência geográfica diante da paisagem, conforme é definida no meio acadêmico.
- Estudar alguns pressupostos da Geografia Cultural diante do tema proposto para o desenvolvimento do trabalho científico de conclusão de curso.

- Relacionar Geografia com Arte através de possíveis exemplos práticos aplicados no espaço da educação: escola.

METODOLOGIA

O trabalho proposto parte de uma revisão bibliográfica de um tema que, ainda, e segundo o que pôde ser observado, possui um campo amplo de estudos para o desenvolvimento de novos artigos e trabalhos práticos aplicados na educação através do que se propõe entre Geografia e Arte.

1. BREVE ANÁLISE DA GEOGRAFIA DIANTE DA QUESTÃO DA PAISAGEM

*“A verdadeira educação e a verdadeira aprendizagem
Fundem todas as disciplinas em uma apreensão global
Para a qual a aprendizagem de si é tão importante quanto o
conhecimento do mundo. Um conhecimento de si que
finalmente nos leva a perceber que somos, todos juntos,
uma consciência iluminando um mundo.”*

Pierre Levy

Desde Vidal de La Blache, a dimensão histórica esteve presente na Geografia francesa, mas o objetivo era diferente do da Geografia histórica britânica. Os geógrafos britânicos analisavam reconstruir o que era a Geografia humana, política, econômica, etc. Já os franceses por outro lado, estavam atraídos em estudar a evolução específica de objetos geográficos.

Para Vidal de La Blache, a Geografia teria de analisar e expor as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente onde habitavam. Para ele, a Geografia tinha como tarefa mais importante estudar e explicar mapas de densidades, porque eles davam uma idéia clara dessas relações (formas de paisagem, sistemas agrários, planos de cidades). Eles buscavam desvendar as temporalidades próprias dos acontecimentos geográficos. Deste modo, os geógrafos franceses criaram uma nova maneira de conceber e escrever história: a história dos fenômenos de longa duração, a história das lentas evoluções, a história das classes baixas e analfabetas da sociedade. Ainda podemos citar Wagner e Mikessell (2007, p. 360) que afirmam que:

“O estudo da paisagem cultural serve, simultânea e inseparavelmente, a diversos fins diferentes. Independente da função de descrição sistemática proporciona uma base para classificação regional, possibilita um insight sobre o papel do homem nas transformações geográficas e esclarece certos aspectos da cultura e de comunidades culturais em si mesmas. Busca a diferenças na paisagem que possam ser atribuídas a diferenças de conduta humana sob diferentes culturas e procura desvios de condições “naturais” esperadas causadas pelo homem.”

A questão central dos geógrafos da história já não estava mais em estudar as relações entre homem e meio ambiente. Seu interesse movia-se para a paisagem rural como totalidade ou para alguns elementos dela: terraços para cultivar encostas, a

presença ou ausência de árvores, muros ou diques para proteger cidades ou zonas cultivadas das enchentes dos rios. Neste caso, vemos que o papel da cultura era, dessa maneira, evidenciado na sua dimensão racional e universal, ou na sua dimensão local e particular (CLAVAL, 1998).

2. A DEFINIÇÃO DE CULTURA E ANÁLISE SOBRE ALGUMAS DE SUAS DIMENSÕES

“Cultura é o que fica depois de se esquecer tudo o que foi aprendido.”

André Maurois

Como definição de cultura, Mikesell (1963) argumenta que é uma propriedade ou atributo inerente aos seres humanos, ou simplesmente uma sagacidade intelectual para se generalizar conforme atitudes e comportamentos humanos. Por isso, mediante esta afirmativa e, em conformidade com La Blache que procurou explicar e evidenciar as relações do homem com o meio percebemos que a cultura considera não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, vasto e geralmente contínuo, além das numerosas características de crença e comportamentos comuns aos membros dessas comunidades. Portanto, com mais precisão, Mikesell (1963) sustenta que *“a cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos”*.

Ademais, quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente umas as outras, elas assim o fazem porque vivem, trabalham e conversam juntas, agregando com os mesmos companheiros e colegas dividem acontecimentos, questões, personalidades criando conceitos próprios e linhas de limitação ou de relacionamentos entre elas. E assim atribuem o mesmo significado aos objetos e crenças, e lendas e superstições. Assim também a cultura também está assentada numa base geográfica. Do mesmo modo Mikessel e Wagner em *Readings In Cultural Geography* nos colocam que:

“Uma comunidade de pessoas que compartilha uma cultura comum pode existir encravada numa única aldeia isolada, na qual todos os habitantes estão em contato diário, ou pode se estender sobre um

vasto território dentro do qual pessoas, objetos e idéias circulam mais ou menos livre e continuamente.” (Mikessel ; Wagner. 1962)

Uma cultura para se difundir quando os que a dividem se deslocam, ou quando sua esfera de comunicação juntamente com seus símbolos ali incluídos, prevalecem sobre os de outras culturas em outros territórios. O termo cultura inserido inicialmente na Geografia alemã através do livro Antropogeografia de Friedrich Ratzel, publicado em 1882, onde analisou os alicerces da variedade de divisões dos homens e das civilizações, buscando mesclar o pensamento etnográfico e político. Claval (1995) também nos mostra que nessa obra Ratzel analisa a cultura:

[...] sob seus aspectos materiais, como conjunto de artefatos mobilizados pelo homem na sua relação com o espaço. As idéias que a sustentam e a linguagem que exprimem não são quase nada invocadas[...] A idéia de luta pela vida limita, portanto, o interesse que tem Ratzel pelos fatos da cultura e dá à sua obra uma posição essencialmente política (CLAVAL, 1995, p. 13).

A língua como meio essencial da comunicação humana é obviamente um componente fundamental de qualquer cultura. É impossível dividir as palavras de uma língua dos outros mecanismos de comunicação sempre associados a elas. Exclamações, gestos, expressões faciais, etc. também são linguagens; da mesma maneira que pinturas, emblemas e tudo que é normalmente reconhecido como “significando algo” também são consideradas linguagens. E é através dessa linguagem e cores, sons e formas que codificamos como músicas, ou simplesmente aos rabiscados de tinta em pedaços de tecido esticado sobre uma base representando paisagens, pessoas e lugares ou da intrínseca e tão vasta capacidade da dança de expandir seu território e estender suas raízes a outros mundos. Assim, por cultura, entendemos que:

Devido a flexibilidade e relatividade do próprio conceito de cultura e dos vários usos que podem ser atribuídos – incluindo a ênfase das influencias culturais sobre as características materiais - , o mundo e suas populações nunca se prestarão a um esquema único, exato, completo e cuidadosamente consistente de classificação ou regionalização. Não pode existir, para qualquer período da historia, uma lista fixa e finita de áreas culturais e o mesmo pode ser dito a respeito de uma lista universal e explicita de todas as regiões naturais ou “geográficas”. (Mikessel ; Wagner. 1962)

3. PAISAGEM E GEOGRAFIA CULTURAL

*“Fazer ver algo que se pode conceber e
Que não se pode ver nem fazer ver, essa é
A tarefa da pintura.”*

Nelson Brissac Peixoto

A paisagem na arte é um termo conhecido como sendo um gênero da pintura, dizemos que é a “pintura figurativa” ou uma espécie de representação pictórica de um recorte da natureza no qual executa um papel exclusivo, como na Geografia, o conceito de paisagem na arte ao longo da história sofreu mudanças em seu grau de importância e em seus padrões representativos. A humanidade em sua história registra modos de representação onde podem ser reconhecidos como paisagens começando com as pinturas rupestres do homem pré-histórico onde desenhava suas cenas de caça, colheita, etc. No entanto, a pintura de paisagem como gênero da arte de pintar que teve seu auge no século XIX, sendo considerada segundo Clark (1961. p.15) “a principal forma de criação artística” fato que considera que “a pintura de paisagem marca as fases da nossa concepção de Natureza” (idem, p. 19).

Partindo desse pressuposto, podemos ver que o estudo da paisagem cultural serve simultânea e inseparavelmente a diversos fins. Livre da sua função de descrição metódica proporciona uma base para a classificação regional e dão-nos a possibilidade de percepção sobre o papel do homem nas modificações geográficas certas aparências da cultura e de comunidades culturais em si mesmas.

Logo, ao buscarmos trazer essa questão para o meio pedagógico, para os que exercem e a lecionam a Geografia em sua linha cultural, para alguns, não possuem muita facilidade de defini-la. Torna-se mais uma curiosidade compartilhada que um projeto ou preceito. Contudo, há uma importante e distinta característica, como todas as subdivisões da Geografia: ela deve estar ligada à Terra, palco de toda atividade humana. Assim estudando a ação do homem com seus aspectos geográficos resultante das diferenças entre as comunidades que criaram para si seu modo de vida caracterizado como cultura.

Neste sentido, a Geografia Cultural faz a comparação e a distribuição variável das áreas culturais com a distribuição de outros aspectos buscando identificar semelhanças e características ambientais de uma determinada cultura, instigando a

compreender qual a ação humana ou qual papel desempenhado na criação e manutenção de determinado aspectos geográfico. É uma corrente geográfica que expõe, descreve e distingue os aspectos ambientais feitos pelo homem que coincidem com cada comunidade cultural, respeitando as paisagens culturais e busca origens na historia da cultura. Mas, para que se fundamente tal argumentação, McDowell (1996, p.159) nos afirma que:

“A Geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.”

Buscando identificar alguns aspectos ambientais de uma determinada cultura, e se houver possibilidade reconhecer a atuação da ação antrópica desempenha ou desempenhou na manutenção ou na criação de determinados aspectos geográficos. A Geografia Cultural salienta, descreve e classifica os aspectos ambientais, incluindo os criados pelo homem, que concordam com cada comunidade cultural, buscando entender os processos específicos dentre os quais estão envolvidas as manipulações humanas ao meio ambiente buscando o bem estar da comunidade e da humanidade.

Ou segundo a definição clássica de Milton Santos (1988, p. 61):

[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc.

Partindo deste ponto, percebemos que a paisagem é afirmada como um objeto humano, que nasce a partir do olhar humano, mas que podemos limitar sua usualidade no termo empregado. Santos (2006), nos proporciona uma noção sobre o sentido e definição de paisagem, tratando-a como um conjunto de formas heterogêneas, onde as formas novas convivem com as rugosidades. Sendo assim, ele afirma que: *“Em verdade, a paisagem é uma realidade provisória, que está sem prepor se formar; é um quadro de devir, nunca está pronta e muda a cada momento: em suma é uma realidade efêmera”* (SANTOS, 2006, p, 123).

Partindo disso, vemos que o homem atual está exposto a uma infinidade de imagens nos centros urbanos, o que estimula sua percepção visual com uma velocidade incrível. Ao que as imagens produzidas por diversas formas de mídias favorecem a forma que as pessoas estão habituadas, pela janela de um veículo qualquer as imagens “passam” com uma velocidade capaz de nos deixar apreciar pequenos fragmentos de segundos, outrora nas páginas de uma revista folheada rapidamente ou nas propagandas televisivas o ser humano acostumou-se a observar apenas instantes que a vida corrida dos grandes centros oferece.

Olhando por esse foco tanto as paisagens pintadas quanto as paisagens em si possuem atributos que ultrapassam o mundo visual, os quadros e pinturas de paisagens são registros de componentes ou registros que mostram muito da cultura de um povo e de seu tempo. Como afirma Berque (ano), as paisagens são a marca e matriz de uma cultura também, onde todas as disciplinas possuem características com o estudo da paisagem, pois:

...todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo). (BERQUE, 1984, p. 87. In: CORRÊA & ROSENDAHL, 1998).

No entanto para se trabalhar com estes dois temas, é necessário um novo olhar utilizando a arte na Geografia para desvendar a dinâmica de transformação e a formação da paisagem como um todo incitando o indivíduo a despertar a sensibilidade do mesmo. Perceber o espaço que o cerca e sentir-se inserido no mesmo dá ao indivíduo a sensação de que ele faz parte de um todo assim como suas ações. Onde podemos levar o indivíduo a essa “sensibilidade” de forma direta ou de forma conceitual através da experiência conceitual mediada por símbolos.

Para Tuan (1977), conhecer e experienciar uma realidade concreta de forma direta proporciona uma capacidade de aprendizagem tanto quanto a experiência conceitual utilizando símbolos.

Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém, a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos de turistas e de leitura de um guia turístico. É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais eles só podem ter uma experiência direta limitada. (TUAN, 1977, p. 20)

Assim, buscando integrar conteúdos e estratégias envolvendo geografia e arte podemos proporcionar mais vitalidade e despertar um interesse maior aumentando assim o estímulo e o envolvimento, ampliando assim a percepção, onde a partir da arte desenvolva as habilidades como as de observação, reflexão e interpretação em geografia e arte expandindo e enriquecendo o sentido do conhecimento da paisagem, buscando ir além da linguagem verbal e conceitual.

Buscando um caminho que nos leve ao entendimento e ao aprendizado e que não seja singularmente através da palavra verbal, porém buscando outro caminho que possa estar em sintonia com a realidade atual das crianças, visto que estão diretamente inseridas na linguagem através de símbolos. Hoje elas estão mais habituadas à linguagem iconográfica, podemos citar o exemplo do Sistema Operacional *Windows*, ou até mesmo das placas, símbolos e logomarcas que nos cercam em todos os lugares através da mídia televisiva, pelas ruas através de placas e sinais semafóricos, estes são estímulos do cotidiano das crianças atualmente.

Clifford Geertz aponta a paisagem como um texto, “*uma configuração de símbolos e signosa ser lido e interpretado como documento social*” (COSGROVE E JACKSON, 1987, p. 19. In: CORRÊA E ROSENDAHL, 2000b.)

É comum a ideia de paisagem natural ser confundida com o conceito de natureza, onde o ato de enquadrar e olhar a paisagem torna-se uma forma de intervenção que através da cultura invalida a ideia de paisagem natural. A paisagem que não sofreu a o olhar antrópico não é paisagem, mas sim natureza, como afirma o neurologista Oliver Sachs* “[...] tudo que vejo é modificado pelo conhecimento, pelos desejos, pela alma [...]” É comum associarmos a proposição natureza e beleza ao termo paisagem.

* Declaração registrada no documentário longa-metragem “Janela da Alma” de João Jardim e Walter Carvalho exibido pela primeira vez no Brasil durante a 25ª Mostra BR de Cinema, em outubro de 2001.

4. GEOGRAFIA E ARTE APLICADAS NA EDUCAÇÃO

*“O sábio leva a cabo suas atividades sem a ação e
Transmite seus ensinamentos sem palavras.”*

Lao Tsé

A obra de arte, seja ela uma pintura, uma escultura ou outro tipo de arte que seja não-verbal dotada de organização, sentido e coerência. Ela se torna a expressão máxima do artista como uma interpretação da realidade, seja ela com uma mensagem de protesto, ou uma forma de retratar a beleza. Quando um homem deseja falar ao coração do outro, ele o faz por intermédio da arte. E através desta linguagem, a arte e a experiência sensório-cognitiva, onde os eixos de aprendizagem estão firmados em produzir, apreciar e contextualizar. Embora o professor não possua uma polivalência, tornando-se limitado em suas ações, a arte rompe essas barreiras e de forma diferenciada de outras áreas de conhecimento. Em toda a história da humanidade a arte esteve presente, em diversas linguagens, a partida da apreciação de obras de arte fazemos a contextualização, o que nos permite um contato do indivíduo com outras culturas de outro tempo. Por isso:

Com facilidade descobrimos e aceitamos o fato de um objeto visual no papel representar um completamente diferente da natureza, desde que nos seja apresentado em seu equivalente estrutural para o meio dado. A razão psicológica deste fenômeno surpreendente é, primeiro, que, na percepção e pensamento humanos, a semelhança baseia-se não numa identidade meticulosa, mas na correspondência das características estruturais essenciais; segundo, que uma mente pura entende espontaneamente qualquer objeto dado conforme as leis do seu contexto. (ARNHEIM, 1954, p. 131)

Sendo assim partimos desse pressuposto e colocamos aqui algumas atividades onde trabalharemos diretamente com a paisagem propriamente dita, seja ela natural, ou urbanizada, mas com o intuito de instigar e trabalhar o olhar sobre o meio. Através de atividades simplórias, mas de considerável relevância, poderemos alcançar resultados satisfatórios, como por exemplo: com o trabalho de sala pedir que seja feito desenhos da observação da vista da janela da sala, visto que cada aluno ocupa um lugar diferente na sala, logo teremos vários “*pontos de vista*” o que nos permite tratar diretamente da relação do homem com o meio, oferecendo ao aluno a possibilidade desse olhar.

Podemos, também, através de uma aula de campo, em qualquer dependência da escola ou instituição de ensino, que ofereça espaço ao ar livre. Conceituar a paisagem vista como os geógrafos e também como os artistas, a fim de elucidar de forma objetiva tratando diretamente os dois temas e explorando as potencialidades dos alunos inserindo-os ao meio, fazendo com que eles percebam que estão inseridos e fazem parte do meio, juntamente com todas as suas atitudes e definições sobre o mundo que o cerca como já foi discorrido anteriormente por Milton Santos (1988, p. 61):

[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc.

Onde em verdade, a paisagem é uma realidade provisória, que está sem prepor se formar; é um quadro de devir, nunca está pronta e muda a cada momento: em suma é uma realidade efêmera” (SANTOS, 2006, p, 123). Onde a realidade que conhecemos, a paisagem que nos cerca está diretamente relacionada às ações do homem de forma intrínseca formando uma “teia” onde toda a ação antrópica seja ela benéfica ou maléfica, terá um resultado igual ou superior ao efetuado sobre o mesmo. Colocando o aluno a perceber a real importância sobre a realidade que o cerca seja ela próxima em sua própria cidade ou longínqua como os acontecimentos em outro país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A arte é a representação, a ciência a
Explicação – da mesma realidade.”*

Herbert Read

Acredita-se que foi possível fazer uma avaliação positiva entre a geografia e a arte através do levantamento bibliográfico dos mesmos, embora as atividades aqui sugeridas em sala sejam pouco enfáticas, sabemos que por menor que seja o roteiro, mesmo assim ele estabelece um propósito oferecendo através de diversos estímulos através de linguagem não-verbal através do conceito de paisagem.

O ato de olhar a paisagem exige instantaneamente um recorte, onde o mesmo é feito através do olho humano, sendo a sua capacidade visual o limitador deste recorte, visto que um mesmo olhar várias vezes sobre o mesmo lugar oferece outras interpretações e considerações a respeito do mesmo, mostrando assim sua ínfima, contudo, não menos importante capacidade.

Onde, em vez de trabalharmos com a decodificação de sinais e símbolos para extrairmos a leitura de um texto, podemos fazer o mesmo através da leitura da imagem, não através do desenho, mas através da percepção do ato de “aguçar” a visão e os olhos o que posteriormente habilita ou treina os olhos para a leitura de imagens mais elaboradas como mapas ou imagens de grandes centros urbanos, onde é oferecido uma infinidade de símbolos e estímulos com as mais variadas linguagens e significados. Estímulos estes que podem ser observados nas imagens que seguem no anexo A que, de acordo com o que se propõe, servem de recursos didáticos essenciais para o desenvolvimento de alguns dos temas que podem ser propostos pela Geografia, quando se deseja que esta ciência venha a trabalhar com Arte, interdisciplinarmente.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICAS:

ARNHEIM, Rudolf. 1954. *Arte & Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora*. Tradução de Ivone T. de Faria. São Paulo: Pioneira/Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. (Título original: *Art and Visual Perception. The New Version. The Regents of the University of California, 1954, 1974.*).

CLARK, Kenneth. *Paisagem na Arte*. Tradução de Rijo de Almeida. Lisboa: Editora Ulisseia; 1961 (Título original: *Landscape into Art. Penguin Books Ltd., Harmondsworth Middlesex.*)

CLAVAL, P. (1998). *Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours*, Paris, Nathan.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) *A Geografia Cultural: Um século (1)*. Serie Geografia Cultural nº 5. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2000

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. *Geografia Cultural: Um Século (2)*. Série Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2000

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. et alii. (Org.) *Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: SENAC, 1996.

Readings in Cultural Geography. PHILIP L. WAGNER and MARVIN W. MIKESSELL (Eds.) *Introductions and translations by the editors*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962

SANTOS, Marcio Pereira. O espaço humanizado, a paisagem humanizada e algumas reflexões sobre a paisagem em São Paulo no século XVIII e XIX. 2006, 192 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TUAN, Yi-Fu, 1977. Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL Difusão Editorial S. A., 1983. (Título original: Space and Place: The Perspective of Experience, University of Minnesota).

WAGNER, P.; MIKESELL, M. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.) . *Introdução à Geografia Cultural*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. P. 27-62

ANEXO A



Figura 1 – Antiga Ponte dos Marinheiros-RJ

Thomas Ender. Óleo sobre tela – 35 x 59cm – Coleção Particular

Fonte: <http://www.itaucultural.org.br> Acesso em: 19 jun. 2012, 02h 27



Figura 2 – Floresta Brasileira

(Paisagem na Selva Brasileira com Figuras) Rugendas

Óleo sobre tela – 63 x 50 cm – Coleção Particular

Fonte: <http://www.itaucultural.org.br> Acesso em: 19 jun. 2012, 02h 32